

A CARTOGRAFIA NARRATIVA COMO POSSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA: uma reflexão inicial

NARRATIVE CARTOGRAPHY AS A POSSIBILITY IN GEOGRAPHICAL EDUCATION: INITIAL REFLECTION

LAURA BUTTI DO VALLE

Licenciada e bacharela em Geografia (UNICAMP), Mestranda em Geografia (UNICAMP)

laura.vbutti@gmail.com

RESUMO: ATUALMENTE A CARTOGRAFIA NÃO É UMA ÁREA DE ESTUDO EXCLUSIVA DOS GEÓGRAFOS, TEMOS UMA SÉRIE DE PESQUISAS QUE BUSCAM TRABALHAR DE FORMA INTERDISCIPLINAR RELACIONANDO AS LINGUAGENS CARTOGRÁFICAS COM DIVERSAS ÁREAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS COMO LITERATURA, ARTES E EDUCAÇÃO. NESTE CONTEXTO O MAPA ADQUIRE NOVOS FORMATOS E POSSIBILIDADES. PENSANDO NISTO, ESTE ARTIGO DISCUTE AS IDEIAS CENTRAIS DO MEU PROJETO DE MESTRADO NO QUAL BUSCO IDENTIFICAR QUAIS AS POTENCIALIDADES DA UTILIZAÇÃO DE NOVAS LINGUAGENS CARTOGRÁFICAS, COMO METODOLOGIA NA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA, A PARTIR DA CARTOGRAFIA NARRATIVA- ONDE O PROCESSO DE MAPEAMENTO E A HISTÓRIA CONTADA SÃO TÃO IMPORTANTES QUANTO O MAPA RESULTANTE NO FINAL. O FOCO É A TRAJETÓRIA QUE MOTIVOU ESTE TEMA E UMA REFLEXÃO TEÓRICA QUE SUSTENTA ESSA DISCUSSÃO.

PALAVRAS-CHAVE: LINGUAGENS CARTOGRÁFICAS; METODOLOGIA DE ENSINO; CARTOGRAFIA NARRATIVA; EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA.

ABSTRACT: NOWADAYS CARTOGRAPHY IS NOT JUST AN EXCLUSIVE STUDYING AREA OF THE GEOGRAPHERS, THERE IS A WHOLE WORLD OF RESEARCH SEEKING OUT DIFFERENT WAYS TO COMBINE, IN AN INTERDISCIPLINARY WAY, CARTOGRAPHIC LANGUAGES AND DIFFERENT FIELDS OF HUMAN SCIENCE SUCH AS LITERATURE, ART AND EDUCATION. LOOKING THROUGH THIS PERSPECTIVE, THE MAP GETS NEW SHAPES AND POSSIBILITIES AND THIS ARTICLE TAKES UNDER CONSIDERATION CENTRAL IDEAS FROM MY MASTER DEGREE PROJECT IN WHICH I TRY TO IDENTIFY WHAT ARE THE POTENTIALITIES OF USING NEW CARTOGRAPHIC LANGUAGES AS A GEOGRAPHY EDUCATION METHODOLOGY, USING NARRATIVE CARTOGRAPHY IN WHICH THE MAPPING PROCESS AND THE STORY TELLING ARE AS IMPORTANT AS THE FINAL MAP RESULTANT. THE FOCAL POINT IS THE JOURNEY THAT MOTIVATED THIS SUBJECT AND THE THEORETICAL THOUGHTS THAT SUPPORTS THIS DISCUSSION.

KEYWORDS: CARTOGRAPHIC LANGUAGES; METHODOLOGY TEACHING; NARRATIVE CARTOGRAPHY; GEOGRAPHICAL EDUCATION.

INTRODUÇÃO

A discussão apresentada nesse artigo surge a partir do meu projeto inicial de mestrado “Cartografia narrativa e o ensino de Geografia: O mapeamento de histórias de vida como recurso metodológico nas escolas” escrito para o ingresso

no programa de pós-graduação em Geografia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e que se iniciou em 2019.

Portanto o foco não são resultados ou conclusões, já que neste primeiro ano as mudanças foram constantes e fundamentais para a estruturação da ideia da pesquisa, ao invés

disso, trago como objetivo entender o processo de chegada ao tema e sua relevância, assim como, alguns anseios que busco compreender ao final deste processo.

O tema é resultante de um acúmulo de experiências que vivenciei durante a graduação em Geografia, tanto na modalidade de licenciatura quanto de bacharelado, na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), principalmente a partir de 2016 quando minha pesquisa acadêmica se voltou para questões ligadas à educação e estreitaram meus laços com o estudo das linguagens cartográficas.

Durante a escolha do projeto para o trabalho de conclusão de curso, dentre tantas inquietações, a cartografia escolar despertou meu interesse. Desdobrando assim, além do meu Trabalho de Conclusão de Curso, em uma iniciação científica, ambos intitulados “Os sentidos da linguagem cartográfica na formação inicial de professores- Uma visita à minha trajetória na graduação em geografia na UNICAMP”.

Os dois trabalhos buscavam retomar minhas relações com as linguagens cartográficas na graduação, com o objetivo de pensar como professores recém-formados se apropriavam destas ferramentas na sala de aula, relacionando com a formação que recebemos dentro dos cursos de licenciatura em Geografia, a pesquisa foi pautada nas disciplinas do meu catálogo em 2012. Me perguntava: qual espaço dentro da academia era reservado para pensar as linguagens cartográficas como parte indissociável da Educação Geográfica?

Durante esta caminhada cruzei também com outras possibilidades de fazer cartografia, de se pensar o mapa e seu processo de construção, o que me levou até minha pesquisa atual. Já existe uma base sólida e diversos trabalhos que sistematizam os inegáveis ganhos do uso da cartografia clássica e pautada no espaço euclidiano nas escolas.

Apesar de ainda ser necessário pensarmos como essa temática aparece dentro das salas de aula e como ela é apropriada por alunos e professores não há dúvidas da sua necessidade para o desenvolvimento de noções de escala,

lateralidade e verticalidade, localização, entre outros diversos temas.

Sendo assim, o foco desta pesquisa é refletir sobre as potencialidades que emergem quando outras cartografias aparecem dentro da sala de aula. O que será que podemos construir, sem perder de vista conceitos geográficos relevantes, quando novas linguagens perpassam as aulas de Geografia? Para consolidação deste diálogo o ponto de partida é a Cartografia Narrativa e seus possíveis desdobramentos.

Ao pensarmos a elaboração do mapa como um dinamismo narrativo, e não simplesmente um produto final, expandimos as possibilidades de consolidação de significados. O mapa deixa de ser o principal resultado da atividade e o processo de mapear ganha destaque, assim como a ideia do mapa como uma representação inacabada sempre em processo de recomeço (CAQUARD; CARTWRIGHT, 2014).

A CAMINHADA ATÉ O TEMA

Acredito que o contexto até a chegada ao tema é pertinente para embarcarmos nas ideias e consolidarmos hipóteses da pesquisa, por isso a importância da narrativa que trago na sequência sobre o momento que despertou a ideia de explorar as possibilidades da cartografia narrativa dentro da sala de aula.

Durante a disciplina “Cartografia, Novas Tecnologias e Educação Geográfica” oferecida em 2017 na pós-graduação -que cursei como ouvinte- e fora ministrada pela Profa. Dra. Tania Seneme do Canto¹, discutimos nos textos e nas aulas sobre as mudanças contemporâneas na cartografia e as novas linguagens cartográficas que vem sendo estudadas, como a cartografia narrativa.

Sendo assim, a atividade final consistia justamente na elaboração de um mapa que contasse alguma história, onde o processo de mapear fosse tão significativo quanto o resultado final e onde os elementos padrões para a construção do mapa não fossem, necessariamente, o foco da atividade.

O resultado foi o mapeamento das lembranças e histórias sobre os trabalhos de campo

vividos por mim e pelos meus colegas durante a graduação. Para isso elaborei um questionário através do “Google Forms” com uma lista de todas as cidades visitadas nestes trabalhos de campo e encaminhei para cerca de 20 pessoas que entraram junto comigo na graduação em 2012 ou em anos próximos. Deixei livre para que eles escolhessem a forma e o conteúdo dos comentários, apenas

solicitei que escrevessem o que fosse mais marcante de cada viagem.

Conforme as respostas anônimas foram chegando elaborei o mapa utilizando a ferramenta do “Google Maps”, marcando as cidades, criando a legenda com cada campo de uma cor diferente e associando as lembranças aos locais onde elas aconteceram (Figura 1).

Campos e Lembranças



Figura 1 | Visão geral do mapa realizado para a disciplina “Cartografia Novas Tecnologias e Educação Geográfica”

Fonte: Valle (2017).

Além disso, para cada campo, ao invés de escrever as minhas lembranças igual aos meus colegas, resolvi explorar outra forma de linguagem, além da escrita, e optei por anexar minhas fotos favoritas das viagens. Algumas foram tiradas por mim, outras foram postadas na internet por outros alunos, retratando minhas memórias desses momentos.

Pude perceber como o impacto da parte afetiva de cada campo na vida das pessoas, muitas vezes, foi tão significativa quanto a parte acadêmica em si. Lógico que a aprendizagem conceitual

com cada trabalho realizado foi essencial e não seria possível estabelecer tantas conexões entre conteúdos lecionados e a realidade somente dentro da sala de aula. Mas os relatos trouxeram muitas histórias vividas entre amigos, pessoas novas que conhecemos em cada cidade e compartilharam suas histórias conosco, a aproximação que as viagens proporcionaram entre os alunos e/ou professores e como o campo realizado para lugares que já eram significativos na vida das pessoas deixaram marcas ainda mais fortes na memória (Figuras 2 e 3).

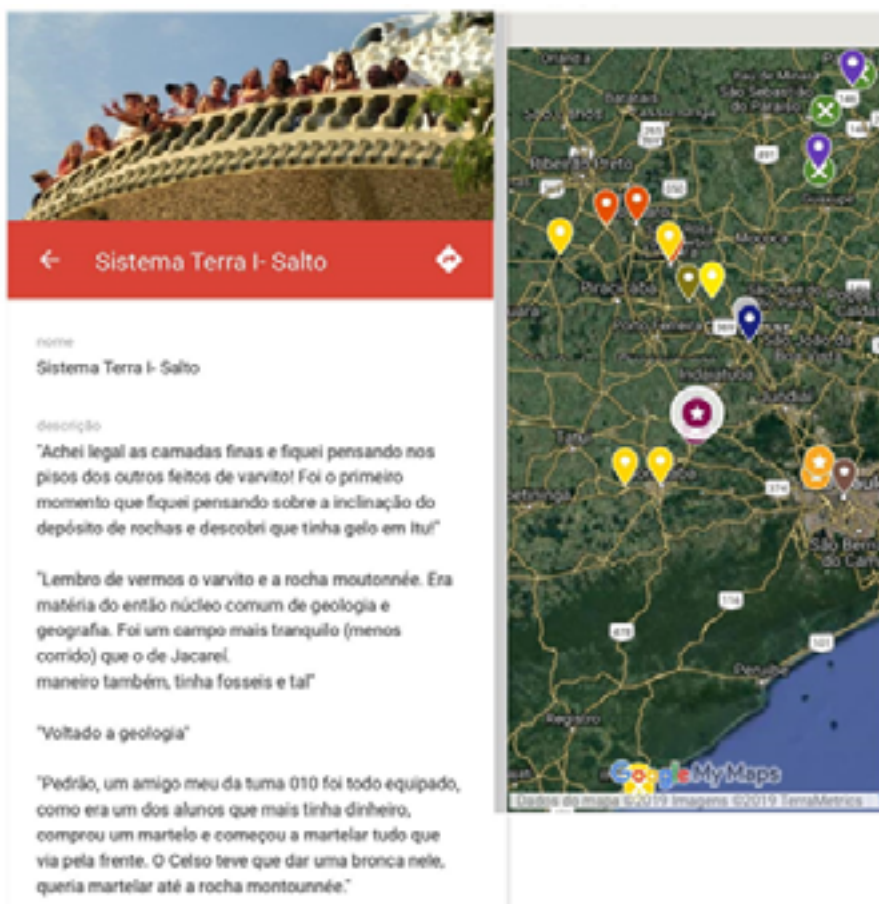


Figura 2 | Visão detalhada do mapa realizado para a disciplina “Cartografia, Novas Tecnologias e Educação Geográfica” focando nas lembranças coletadas e as imagens selecionadas para o campo da disciplina de “Metrópoles e Metropolização”. e Educação Geográfica”
Fonte: Valle (2017).

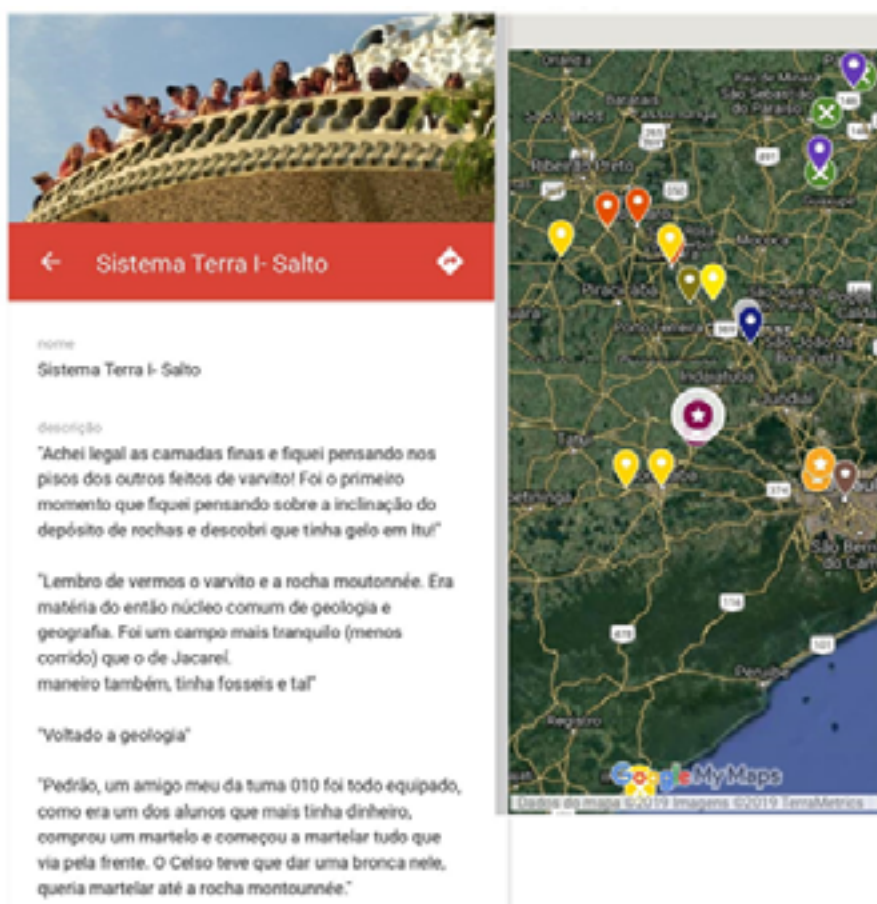


Figura 3 | Visão detalhada do mapa realizado para a disciplina “Cartografia, Novas Tecnologias e Educação Geográfica” focando nas lembranças coletadas e as imagens selecionadas para o campo da disciplina de “Sistema Terra I”
Fonte: Valle (2017).

O resultado foi um mapa cheio de significados e lembranças onde o processo de mapeamento me remeteu a vários momentos marcantes da minha graduação. E que evidenciou como as memórias estão diretamente relacionadas com o espaço onde elas aconteceram, assim, o conceito de lugar foi crucial na conclusão da atividade. Foi tão importante ter realizado este trabalho que a ideia de como uma metodologia parecida poderia ter resultados importantes dentro da escola permaneceu viva até a escrita do projeto de mestrado.

NOVAS LINGUAGENS CARTOGRÁFICAS E A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

Segue sendo necessário reforçar o entendimento da cartografia como uma das mais importantes linguagens geográficas e que permite, através do seu código próprio, articular fatos, conceitos e sistemas conceituais, possibilitando ler e escrever as características do território (CASTELLAR, 2006). Assim, evidenciamos as potencialidades de se apropriar desta linguagem dentro da sala de aula como metodologia e não apenas conteúdo curricular ou técnica, conforme enfatizado por Castellar (2017) no trecho a seguir:

Quando assumimos que a linguagem cartográfica é uma estratégia de ensino ou um procedimento, não estamos desconsiderando que ela seja também técnica, mas que, para o ensino, ela é uma linguagem importante. A linguagem cartográfica torna-se uma metodologia inovadora na medida em que permite relacionar conteúdos, conceitos e fatos; permite a compreensão pelos alunos da parte e da totalidade do território; e está vinculada aos valores de quem elabora ou lê o mapa. A dimensão procedimental da cartografia, que pode ser histórico-geográfica, permite ao aluno interpretar e analisar fontes primárias, possibilitando o entendimento espaço-temporal da organização e produção de um determinado território. (p. 228).

Além dessa compreensão do território e seus fenômenos geográficos, na escola a linguagem cartográfica também surge como possibilidade e meio de aproximar os temas abordados no currículo da geografia à realidade dos alunos, proporcionando uma absorção mais afetiva do que se pretende ensinar e uma formação cidadã (CASTELLAR, 2011), que ultrapassa os limites dos muros da escola e reflita na própria construção de sociedade. De acordo com a autora:

Pensar o uso da linguagem cartográfica como uma metodologia inovadora é torna-la parte essencial para a educação geográfica, para a construção da cidadania do aluno, na medida em que permitirá a ele compreender os conteúdos e conceitos geográficos por meio de uma linguagem que traduzirá as observações abstratas em representações da realidade mais concretas (CASTELLAR, 2011, p. 121).

A partir desse ponto é preciso questionar o uso que estamos dando para os mapas nas escolas. Existe uma função metodológica ou apenas ilustrativa por trás dos mapas que aparecem nas aulas de Geografia? Dialogando com Almeida (2001), fica evidente o quanto o ensino de geografia perde quando negligenciamos a linguagem cartográfica:

[...] sabe-se que, na escola, o uso de mapas tem se restringido, na maior parte dos casos, apenas a ilustrar ou mostrar onde as localidades ou ocorrências estão. Por outro lado, a formação do cidadão não é completa se ele não domina a linguagem cartográfica, se não é capaz de usar um mapa. (p. 18).

Mas “ser capaz de usar um mapa” está longe de ser uma tarefa simples no cotidiano escolar de alunos e professores. Como a interpretação dos signos desta linguagem depende do conjunto de vivências de cada aluno, a compreensão vai além de uma simples decodificação, que, por si só, não garante que o aluno seja capaz de interpretar o

que esta sendo representado em todos os níveis que compõe um mapa (PASSINI; MARTINELLI; ALMEIDA, 1999).

Sendo assim, é importante pensar maneiras efetivas de explorar essa potencialidade das linguagens cartográficas dentro da sala de aula, de forma que os alunos possam atribuir significado para aquilo que pretende-se ensinar. Conforme indicado por Callai:

O conteúdo de Geografia, por ser essencialmente social e ter a ver com as coisas concretas da vida, que estão acontecendo e tem sua efetivação num espaço concreto aparente e visível, permite e encaminha o aluno a um aprendizado que faz parte da própria vida e como tal pode ser considerado em seu significado restrito e extrapolado para condição social da humanidade. (2001, p. 143).

Buscando atingir essa função de proximidade com as histórias e com o cotidiano dos alunos, o recorte proposto para esta pesquisa foi o estudo da cartografia narrativa como metodologia. Por entender que esta vertente aparece como uma alternativa para produzir novos mapeamentos que, apesar de fugirem do modelo clássico do mapa estático que observamos comumente, também se propõem a especializar fenômenos realçando as relações subjetivas dos alunos com o lugar.

Para darmos continuidade ao texto é necessário traçar qual sentido de mapa que permeia essa reflexão. Segundo Harley (1991, p. 7 *apud* GIRARDI, 2007, p. 47) o mapa seria uma “representação gráfica que facilita a compreensão espacial de objetos, conceitos, condições, processos e fatos do mundo humano” e dialogando com Ribeiro (2018) são “abstrações visuais, de caráter diagramático, que representam certas propriedades do espaço e que, portanto, não devem ser confundidos com o próprio território” (p. 25).

Apesar das diferentes noções do que se configura um mapa, segundo Richter (2017), existem elementos que permeiam sua constituição – e que muitas vezes ficam em segundo plano-

como a representação dos contextos, o registro da ocupação humana, as transformações do espaço e a interação sociedade- natureza. Concluindo esse pensamento, Richter (2017) conversa com outros autores sobre esse “fio condutor” entre as diferentes produções cartográficas:

Para Seemann (2003) e Harley (2009), independente do tempo ou da proposta que um mapa apresenta eles possuem um elemento comum muito forte, um tipo de fio condutor, que se estabelece no fato de que representar é uma prática inerente à ação humana. Ou seja, não importa o modo como construímos um mapa ou se ele foi produzido há trezentos anos atrás. Toda representação espacial tem por objetivo possibilitar que os indivíduos possam se localizar e permitir uma leitura/análise sobre o espaço representado. (p. 282).

Durante o processo histórico de construção da cartografia ocorreram diversas mudanças quanto a sua concepção, área de abrangência, competência e evolução tecnológica (SIMIELLI, 2007), colocando atualmente a cartografia escolar em diálogo com novas áreas do conhecimento, tais como: artes, literatura, sociologia e educação (GONÇALVES, 2017).

Com isso “cartógrafos críticos agora procuram estudar a natureza performativa e dinâmica dos mapas, superando o seu emprego como espelho da realidade e mera representação estática no papel” (SEEMAN, 2013, p. 87). Como resultado temos mapas mais fluidos, que contam narrativas e espacializam os lugares por onde as histórias se passam, ajudando a aproximar aquilo que está sendo contado das pessoas que estão lendo e, principalmente, produzindo a narrativa.

Outro ponto central é reconsiderar o que faz das linguagens cartográficas essa potência no ensino de Geografia. Segundo Gonçalves (2017), grande parte dos mapas tratados em sala de aula trazem todos os elementos clássicos da cartografia corretamente (legenda, escala, título, projeção...), mas carecem de abordagens

geográficas que vão além. De acordo com a autora: “Há um formalismo dominante na abordagem dos conceitos geográficos nos mapas, de maneira que o desenvolvimento conceitual e articulações com os conteúdos, muitas vezes dão lugar a uma mera apresentação de dados, fenômenos e conteúdos.” (GONÇALVES, 2017, p. 54).

Além disso, como destaca Girardi (2012), acabamos descartando toda a produção cartográfica que não seja construída com esses elementos técnicos que caracterizam os mapas convencionais. Ao fazermos isso, desconsideramos o discurso histórico, hegemônico e ocidental por trás da construção da ideia do que é considerado um mapa. Ou seja, conforme afirma Ribeiro, “Aquilo que estiver fora dessa delimitação de ‘mapas verdadeiros’ não é considerado cartografia: são apenas imagens imprecisas, heresia, subjetivismo ou mera distorção, uma vez que não espelham a realidade adequadamente” (2018, p. 25).

Isso faz com que qualquer produção cartográfica que fuja a essa norma seja esquecida nos livros didáticos (GONÇALVES, 2017) e na hora de fomentar metodologias de ensino. De acordo com Girardi:

Se se entende a cartografia como linguagem para a Geografia, nas dimensões comunicativa e expressiva, então a Cartografia Geográfica é, antes de qualquer coisa, o lugar (curricular, prático, científico) em que estas questões precisam estar presentes, onde possam emergir e proliferar perspectivas criativas, ou seja, utilização de práticas já consolidadas para investigar um tema geográfico específico, e perspectivas criadoras, invenções de imagens de mundo como potências de produção de pensamentos sobre o espaço (2014, p. 81).

São justamente essas potências de produção sobre o espaço, como destacado no trecho acima por Girardi (2014), que justificam a busca por explorar as dimensões criativas da cartografia como linguagem dentro da Geografia, principalmente quando pautamos o ensino. E

seguimos questionando: o que nós professores e alunos perdemos ao limitarmos o nosso olhar para uma metodologia tão importante e versátil quanto a cartografia dentro da sala de aula?

Assim, um dos objetivos do meu mestrado é desenvolver uma atividade prática para ser realizada com o Ensino Fundamental com a construção de mapas narrativos que tragam as lembranças desses alunos para a sala de aula, utilizando os mapas narrativos para a construção de passagens que facilitem a compreensão de conteúdos geográficos pelos alunos (OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

Para fundamentar e desenvolver teoricamente este projeto alguns autores possuem um papel central e, como a maneira que proponho a utilização das linguagens cartográficas dentro da sala de aula demanda um novo olhar sob a cartografia, é necessário buscar novas pesquisas na área que ampliam o sentido do mapa, trabalhando com a relação entre o mapa e o cotidiano (GONÇALVES, 2017), a interdisciplinaridade entre os estudos cartográficos e outras áreas das ciências humanas (SEEMANN, 2013; SIMIELLI, 2007) e o próprio questionamento do que é um mapa e até onde podemos desconstruir essa velha imagem que ele carrega (OLIVEIRA JUNIOR, 2011).

Quando focamos na cartografia narrativa existem várias pesquisas recentes refletindo sobre o seu uso atual (SEEMANN, 2013; GIRARDI 2014) e como ela vem sofrendo diretamente a influência do avanço digital e da popularização dos recursos tecnológicos, o que possibilita que qualquer pessoa com acesso à internet consiga produzir um mapa contando sua história, reformulando as noções de mapeamento na era informacional (TAYLOR; CAQUARD, 2006). Além disso, existe o estudo do chamado *Mapping Deeply* que justamente busca entender o mapeamento de experiências pessoais e a valorização de memórias e aspectos qualitativos dentro da cartografia (WOOD, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória teórica e prática relacionada a este tema ainda é muito longa, mas a intenção é pensar qual o espaço dessas novas linguagens

cartográficas dentro da Escola. Os tempos mudaram, a forma de produção dos mapas são outros. Hoje é possível produzir um mapa em poucos instantes na tela do celular sem grandes conhecimentos científicos cartográficos e somos bombardeados por produções cartográficas não acadêmicas em todos os instantes (GIRARDI, 2012).

Assim, se faz necessário refletir o que de geográfico permanece neste contexto e o quanto a Educação Geográfica pode ganhar com outras possibilidades de se abordar o espaço geográfico. Acredito que haja lugar para as múltiplas produções dentro do ensino e quem pode perder ao invisibilizarmos uma faceta é a própria Geografia e por consequência os alunos.

Portanto, parto do princípio que é necessário valorizar os diversos caminhos que nos permitem ensinar o mapa para promovermos uma aprendizagem que possa se aproximar das múltiplas possibilidades de representar o espaço, pois entendo que a sociedade também é diversa (RICHTER, 2017, p. 286).

Talvez, a inclusão dessas novas possibilidades de cartografias, mais fluidas e vivas, assim como a sociedade e os fenômenos que buscamos representar, possa ser mais um caminho a ser explorado dentro do Ensino de Geografia. A representação do lugar, do afetivo e da subjetividade também são articulações possíveis e potencialidades ainda pouco exploradas quando pensamos nas linguagens cartográficas como metodologias. Mas segue sendo importante uma formação de professores que valorize essa linguagem voltada para a licenciatura e sua aplicação com os alunos, tanto quando pensamos na cartografia clássica quanto em novas formas de mapear.

NOTA

¹ A Prof^a. Dr^a. Tania Seneme do Canto foi minha orientadora de iniciação científica e trabalho de conclusão de curso (citados nesse artigo) durante a graduação e segue sendo a orientadora agora no mestrado.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CALLAI, Helena Copeti. A geografia e a escola: muda a geografia muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p 135-152, 2001.
- CAQUARD, S.; CARTWRIGHT, W. Narrative cartography: from mapping stories to the narrative of maps and mapping. **The Cartographic Journal**, v. 51, p. 101- 106, 2014.
- CASTELLAR, Sônia. Psicologia genética e a aprendizagem no ensino de Geografia. In: CASTELLAR, Sônia (Org.). **Educação geográfica teorias e práticas docentes**. 10^a ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 38-50.
- _____. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar: currículo, linguagens e tecnologia**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121-136.
- _____. Cartografia Escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 7, n. 13, p. 207-232, jan./jun., 2017.
- GIRARDI, G. Cartografia geográfica: reflexões e contribuições. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 87, p. 45-66, dez. 2007.
- _____. Mapas alternativos e educação geográfica. **Percursos**, Florianópolis. v. 13, p. 39-51, 2012.
- _____. Cartografia geográfica: entre o já estabelecido e o não mais-suficiente? **RA'E GA: o espaço geográfico em análise**, v. 30, p. 65-84, 2014.

- GONÇALVES, A. R.. Narrativas cartográficas e a conexão entre mapa e experiência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, p. 51-66, 2017.
- OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive: linguagem fotográfica e atlas municipais escolares. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 13-36.
- PASSINI, E. Y.; MARTINELLI, M. ; ALMEIDA, R. D. A Cartografia para crianças: alfabetização, educação ou iniciação cartográfica? **Boletim de Geografia (UEM)**, Maringá, v. 1, p. 125-135, 1999.
- RIBEIRO, D. **Limiares da cartografia: deambulação, arqueologia e montagem no mapeamento de lugares**. 298 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.
- RICHTER, D. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, p. 277-300, 2017.
- SIMIELLI, H. M. O mapa como meio de comunicação e a alfabetização cartográfica. In: ALMEIDA, R. D. (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 71-94.
- SEEMANN, Jörn. Entre mapas e narrativas: reflexões sobre as cartografias da literatura, a literatura da cartografia e a ordem das coisas. **RA'E GA: o espaço geográfico em análise**, v. 30, p. 85-105, 2013.
- TAYLOR, F.; CAQUARD, S. Cibercartography: maps and mapping in the information era. **Cartographica**, v. 41, n. 01, p. 1-6, 2006.
- WOOD, Denis. Mapping deeply. **Humanities**, v. 4, n. 3, p. 304-318, 2015.